

AINDA O LIVRO DE JOSHUA LANDY

Carlos A. Pereira

No seguimento da recensão que escrevi no passado número da *Forma de Vida* sobre o livro *How to Do Things with Fictions*, de Joshua Landy, o autor desse livro quis escrever um artigo de resposta no actual número desta revista contestando alguns pontos da minha recensão. Uma vez que o autor se mostrou perplexo com o meu texto, surge a necessidade do presente comentário por forma a esclarecer, espero, as suas dúvidas e as putativas dúvidas dos leitores.

Mantenho precisamente tudo o que disse na recensão atenta e cuidadosa que fiz do livro de Joshua Landy, e, na verdade, limitei-me a apontar algumas incongruências visíveis à luz dos seus próprios termos. Apesar disso, no seu texto de resposta à minha recensão, Landy confundiu-me — vá lá saber-se porquê — com um adepto de uma teoria da ficção que defende a «moral da história», ou coisa parecida. Posso dizer-lhe que está enganado a esse respeito e, aliás, não fiz nenhuma afirmação desse tipo ou sequer emiti qualquer mensagem com as minhas opiniões positivas sobre o assunto. Não me referi ao facto de a sua tese ser falsa e não formulei, nem discuti, teses alternativas. O que sempre estive em causa foi o *seu* livro e aquilo que me parecem ser as *suas* dificuldades, que são de sobra.

Seja como for, Landy, na sua resposta, diz-nos que nunca teve de responder a qualquer

recensão ao longo dos anos. Isso pode querer dizer mais do que uma coisa, se o leitor pensar um pouco. Queixa-se também de ter sido alvo de um ataque incompreensível da minha parte, feito de afirmações inacreditavelmente diversas daquilo que é explícito no seu livro. Está, porém, a queixar-se de si próprio, e não é por dizer que faz assim que evita fazer assado.

Começo pela queixa relativa às supostas capacidades exercitadas na leitura de certas ficções. Aqui, a confusão é semelhante à de chamar «teoria da ficção» àquilo que realmente faz no livro, que não é mais do que uma interpretação literária de certos textos. Landy não tem qualquer teoria da ficção. Não se chama «teoria do gato» à ideia de que alguns gatos são pardos, e portanto não há qualquer teoria da ficção na ideia de que algumas são formativas, até porque seria preciso, além do mais, um critério para identificá-las e Landy não tem nenhum (nem podia ter). De modo parecido, não se percebe em que sentido estamos a falar de «capacidades» se a ideia é falar de coisas muito específicas e totalmente díspares entre si, e que, aliás, são descrições resultantes, apenas, de interpretações literárias. Mas, se Landy pretende, mesmo assim, chamar «capacidades» a todos aqueles itens específicos e díspares que enumera no seu texto de resposta (entre muitos outros que, no livro, atira em todas as direcções), podemos alegremente ajudá-lo no

seu projecto e acrescentar à lista tudo aquilo que conseguirmos encaixar depois de «a capacidade de...» — que pode ir desde «...adormecer a contar carneirinhos», a «...ultrapassar desgostos de amor», a «...fixar datas de aniversário», até «... perceber o Sr. Aníbal da pastelaria». Tudo isto é capacidade mental, então. Quantas teremos? Centenas, milhares, milhões, um número incontável? Deixo ao leitor, se quiser fazê-lo, a tarefa de puxar pela cabeça para ajudar Landy com mais. Mas é fácil: equivale a pensar numa frase sobre qualquer coisa no âmbito de «pensar». Como é evidente, não se pode julgar que, com isto, ficou alguma coisa esclarecida, excepto a óbvia dificuldade argumentativa. Além do mais, a ideia de especificidade em causa é tão absurda quanto imaginarmos a possibilidade de existir alguém que é excelente em somas, mas um zero à esquerda em subtracções.

Quanto à questão do manual de instruções, limitei-me na recensão a apontar duas passagens mutuamente incongruentes do seu livro, que aliás citei, a saber:

1) «each work [...] contains within itself a *manual for reading*, a set of implicit instructions on how it may best be used» (p. 12).

2) «it is generally possible [...] to find a work or two that fits the theory remarkably well, indeed that *needs* the theory in order to be fully appreciated» (pp. 6-8)

Se precisamos de vir armados com a teoria certa para ler bem um certo texto, mas se ao mesmo tempo as instruções para uma leitura adequada estão implícitas nesse texto, ou alguma coisa não está a funcionar, ou alguma coisa está a mais. Foi à luz destas afirmações, e não da ideia descabida de «instruções para ler instruções» — conforme Landy, *agora*, quer fazer crer — que a questão se levantou. O que os leitores gostariam de saber é: em qual delas ficamos? Se pretende manter as duas, deverá explicar de que modo as compati-

biliza. Mas a minha suspeita é que, ou desmonta a bicicleta hermenêutica, ou pedala sem sair do sítio.

Finalmente, o equívoco principal — e, aliás, o mais elementar: a ideia de que, *na leitura*, há duas actividades distintas: ler e uma outra, fazer exercício. Trata-se da insistência de Landy em como, quando fala de função do texto, não está a falar do seu sentido, como se, por um lado, determinar a suposta função não fosse interpretar o texto (e é isso que faz ao longo do livro todo) e, por outro lado, como se perceber o que um texto quer dizer equivalesse a ser capaz de pronunciar as suas frases. Veja-se esta passagem (p. 119) muito esclarecedora do livro de Landy, a propósito do *Simpósio*, de Platão:

While Aristodemus slavishly imitates the master's habit of going barefoot (173b, 220b), Apollodorus, who has spent the last three years «ma[king] it [his] job to know exactly what [Socrates] says and does each day» (173a), triumphantly parrots the credo about knowing his own ignorance and spending his hours in dialectic

Portanto, Landy descreve duas personagens que, cada uma à sua maneira, imitam Sócrates como papagaios, e a palavra-chave desta passagem é, de facto, «parrots». Eis a conclusão que, para nossa surpresa, Landy retira desta situação, logo a seguir (o itálico é meu):

The smug, self-satisfied Apollodorus, with his arrogance of humility, and the superficial imitator Aristodemus, with his affectation of asceticism, should immediately put us on notice: in order to profit from what follows in the *Symposium*, it is *not sufficient to understand what is being said*.

Mas em que sentido é que estas personagens terão percebido aquilo que é dito? Os papagaios de facto dizem coisas, mas não só *não percebem* aquilo que dizem, como *não querem dizer nada*. Como se pode avançar para a conclusão de que

não basta perceber aquilo que é dito, quando o exemplo dado é justamente o de duas personagens que, cada uma à sua maneira, não percebem nada do que foi dito, nem percebem, realmente, aquilo que estão a dizer e a fazer? A única maneira de entender este raciocínio é considerar que Landy imagina, porventura, que «sentido» equivale a certos sons e certas manchas gráficas, e que «perceber o sentido» significa reproduzir certos sons e imitar certos gestos. Mas isto não faz *sentido* nenhum. Etanto não faz que, recorde-se, a ideia de «sentido do texto» era, para Landy, ideia errada de uma mensagem escondida, contra a qual luta, e não a superfície das palavras. Na citação, porém, já é outra coisa — algo que, na verdade, nem tem nexos algum. E muito menos se percebe de que maneira é esse sentido de superfície «instrumental», como se fazer de papagaio fosse preâmbulo de outra coisa subsequente. Nada disto bate certo.

Por outro lado, na resposta à minha recensão, Landy tenta esclarecer o que entende por «função» — distinta de «sentido» — através de analogias com comboios, máquinas de musculação e gelados. Comboios servem para transportar coisas e pessoas, máquinas de musculação servem para fazermos exercício, gelados servem para comer. Perfeitamente de acordo, se considerarmos o papel que estas coisas normalmente desempenham no quotidiano. O problema para Landy é que, nesse caso, *os livros servem tão-somente para serem lidos*. Não se segue mais

nada das analogias, muito menos que os livros servem para fazer exercício específico, nem muito menos ainda que isso é uma actividade diferente de interpretar textos. E quanto aos comboios, máquinas de musculação e gelados, é evidente que podem ter um sentido. Oferecer um gelado a alguém, ou o mero facto de estar a comer um gelado, pode querer dizer muito. Uma flor, ou uma gargalhada, ou muitas outras coisas — incluindo até comboios, se contarmos a história relevante — podem querer dizer variadíssimas coisas. Aliás, basta observar a publicidade a todo o tipo de produtos para vermos como a tentativa de aumentar vendas está ligada à tentativa de veicular certos sentidos.

Isto é tão elementar e trivial que se torna difícil perceber de onde vem tanta confusão. Aliás, por alguma razão *não trivial* Landy escreveu um livro sobre ficções (melhor dizendo, sobre certas ficções) e não um livro sobre comboios ou gelados. É que a actividade a que se refere trata-se de *interpretar textos*, não outra coisa, e sobre isso, que parece ser tão importante, tem pouco ou nada a dizer. Sobretudo, não se entende a sua tentativa abstrusa de formar uma imagem dos livros como máquinas específicas — um *Evangelho* para bíceps, um *Simpósio* para deltóides, e por aí fora — e uma imagem dos leitores como uma espécie de culturistas ocupados com a exibição de músculos e desprovidos de ideias. Felizmente para si, mas infelizmente para o seu livro, está muito enganado.